

# Arquitetura, Urbanismo e Artes Decorativas Séculos XVII e XVIII



ISSN 1646-1762

N.º 9 2012

HI | INSTITUTO DE HISTÓRIA DA ARTE

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - UNL

*Esta fornija q' se lepe he de cima emmendada travada de  
dois rebaltes do meio, e guahada em melhoi forma os dois  
das extremidades, e corria al grade d'arcos em todos os bel. an-  
sares, e o tiro de fachonada de meio figurava mais engracada  
hua vez q' os cachorros das torres de medio etc.*

*Este he a fornija como ha  
na de fer. mas errada nella  
o traço de meio q' se tem em  
do encontros de torres.*



## Resumo

O azulejo é um elemento notavelmente caracterizador da arquitectura portuguesa atravessando uma parte importante da nossa produção arquitectónica e estando naturalmente contaminado pela produção artística de cada época.

É o século XVIII o período em que se veicula o azulejo em Portugal e onde nos surgem os principais repositórios de imaginários.

Suporte privilegiado de pintura e arte decorativa total, apresentou-se sempre como uma resposta simultaneamente estética e prática às necessidades de cada tempo.

Uma das questões indiscutíveis é a atmosfera que o azulejo barroco impõe, reinventando e recriando um espaço, por vezes difícil de entrever hoje, aos nossos olhos. São actualmente inúmeras as questões que se colocam ao estudo e respectiva análise de interpretação da azulejaria tanto neste período como em outros.

Procurámos traçar neste texto – numa visão panorâmica e alargada – a historiografia mais recente do azulejo barroco, incluindo os estudos, e os novos contributos que têm feito da Azulejaria Portuguesa deste período um lugar de inquietações e objecto de investigação. ●

## Abstract

*Azulejo* tiling is a deep-rooted feature of Portuguese architecture, eminently present in our architectural production, and naturally influenced by the artistic production of each period.

The 18<sup>th</sup> century is commonly considered to be the period which best represents *azulejo* tiling in Portugal, offering its broadest imagetic repertoires.

Particularly apt as a painted medium to create comprehensive decorative programmes, *azulejo* tiling offered a solution to both the aesthetic and practical needs of its time. Baroque *azulejo* tiling had an undeniable capability to create a unique atmosphere, to transform and reinvent spaces that we sometimes now have difficulty envisioning. There are presently many questions surrounding *azulejo* tile making and its interpretation both for the referred period and for other times.

On this basis, this article aims to offer a wide-ranging review of the most recent historiography of baroque tiles, including studies, approaches and new contributions which make Portuguese *azulejo* tiling of the 18<sup>th</sup> century an ever-developing research field. ●

## Arbitragem Científica Peer Review

**Nuno Saldanha**

Professor Auxiliar, Escola Superior de Design / IADE – Creative University  
Unidade de Investigação em Design e Comunicação, IADE

## palavras-chave

AZULEJO BARROCO  
HISTORIOGRAFIA  
INVENTÁRIO  
SALVAGUARDA  
PRESERVAÇÃO

## key-words

BAROQUE AZULEJO TILING  
HISTORIOGRAPHY  
INVENTORYING  
CONSERVATION

**Data de Submissão**  
**Date of Submission**  
Jul. 2011

**Data de Aceitação**  
**Date of Approval**  
Ago. 2011

# O AZULEJO BARROCO

## O ESTUDO E A INVESTIGAÇÃO EM PORTUGAL

---

MARIA ALEXANDRA TRINDADE GAGO DA CÂMARA  
Universidade Aberta  
Centro de História de Arte e Investigação Artística, UE  
agagodacamara@sapo.pt

“Faleceu em Fevereiro o historiador J.M dos Santos Simões, o especialista de azulejaria de renome...” O rigor dos seus critérios de classificação, a sua memória prodigiosa, a vastidão das suas curiosidades, a capacidade de relação cultural definiram esta sólida personalidade da história da arte em Portugal, cuja perda é irreparável – não só no domínio em que se celebrou (e no qual as próprias estruturas técnicas de trabalho de investigação entre nós não lhe permitiram criar discípulos) como também numa larga e responsável criação historiográfica”

José Augusto França – “João Miguel dos Santos Simões”.  
in *Colóquio Artes*, n.º 7 (Abril 1972), p. 66

### Antecedentes

No contexto de outras expressões artísticas, a historiografia do azulejo barroco português apresenta-se hoje vasta e emergente, procurando encontrar um espaço autónomo no panorama das designadas Artes Decorativas em particular e, da arte Barroca no geral. Nas últimas duas décadas, uma aproximação e abordagem ao estudo do azulejo reconfigurou-se no âmbito alargado da investigação nacional. No entanto, apesar de grandes e significativos esforços, alguns estudos mais antigos possuem um interesse histórico apenas residual e contam com uma enorme

dispersão. Uma larga percentagem de trabalhos encontra-se esgotada, de difícil consulta e acesso, desconhecendo-se um número razoável de catálogos mais informativos.

O registo escrito e documental do azulejo remonta a fontes recuadas, onde vários autores comentam desde os séculos xvii e xviii a presença física de peças cerâmicas e azulejares em Portugal. Recordem-se os trabalhos de Frei Nicolau de Oliveira, *Livro das Grandezas de Lisboa*, 1620 e Agostinho de Santa Maria, *Santuário Mariano* [...], 1707-1723.

Foi sobretudo nos meados do século xix – enquanto especificidade da arte portuguesa – que o azulejo se inscreveu na historiografia artística com maior incidência conquistando legitimidade e consciência da sua verdadeira dimensão territorial. A este propósito tomemos como exemplo a sintomática frase redigida, em 1846, pelo diplomata do rei da Prússia em Portugal, conde Athanasius Raczynski (1788-1874)<sup>1</sup>, “*Les azulejos constituent en partie la physionomie du Portugal*”, comentário que iniciará uma abordagem histórica desta arte.

Sensivelmente uns anos depois, por volta de 1883, Joaquim de Vasconcelos (1849-1936) atribuirá uma base científica – no contexto da História da Arte Portuguesa – aos capítulos específicos sobre cerâmica e azulejo, assumindo uma consciência cultural destas artes. A produção azulejar foi então uma das formas de arte que mais o fascinou.

O seu espírito sistemático obrigou-o a tratar o azulejo segundo várias perspectivas que se entrecruzaram: cronologia e periodização, inventariação, a sua musealização, e a aplicação e desenvolvimento na contemporaneidade<sup>2</sup>.

Entendeu e apercebeu-se da capacidade do azulejo quando integrado nas arquitecturas: “*o mais bello pano de raz, com todos os caracteres de grande mural*”<sup>3</sup>; compreendendo este objecto artístico no seu contexto e particularmente no seu devir histórico.

Podemos ainda citar de memória outros nomes e obras centradas nas particularidades do azulejo e numa preocupação inventariante crescente durante este período: a José Queirós<sup>4</sup> (1856-1920) (Fig. 1) foi atribuída, em 1916, a organização da primeira inventariação dos azulejos existentes em Portugal, trabalho que não teve consequências devido à sua morte, no entanto os seus importantes contributos dirigiram-se para a cerâmica logo no início do século – “Faiança de Massarelos” na Revista *Serões* (1905) e *Cerâmica Portuguesa* (1907), obra reeditada e actualizada em 1987. Vejam-se ainda *Olarias do Monte Sinay* (1913), do mesmo ano “Azulejos da Portaria de S. Vicente” publicado no *Bolletino del Museo Internazionale del Ceramiche* e, de 1916, o artigo “Louça e azulejos de Torres Vedras” na *Terra Portuguesa*.

Vergílio Correia (1888-1944), entre os anos 10 e 20, vem a estampa com “A Família Oliveira Bernardes, uma grande escola de pintura de azulejos (1.ª metade do século xviii)” na Revista *Águia*, 1917, seguindo-se, em 1918 e 1919, “Oleiros e pintores de azulejo: olarias de Santa Catarina e Santos” e “Oleiros Quinhentistas de Lisboa”.

<sup>1</sup> *Les Arts en Portugal. Lettres Adressés a la Societé Artistique et Scientifique de Berlin, et Accompagnées de Documentes*. Paris, 1846 e *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal* (...). Paris : 1846. Vd. Rodrigues, Paulo Simões. 2011. «O conde Athanasius Raczynski e a Historiografia de Arte em Portugal”. *Revista de História da Arte* n.º 8: 264-276. Lisboa: Instituto de História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

<sup>2</sup> Câmara 2008c, 217-228.

<sup>3</sup> Vasconcelos, Joaquim de. 1909. “A Arte Decorativa Portuguesa”. *Notas sobre Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional. V. II: 200-201

<sup>4</sup> Atenda-se ao percurso “entrelaçado” entre Joaquim de Vasconcelos e José Queirós: Leandro, Sandra. 2010. “Vasos Comunicantes: Joaquim de Vas-

Fig. 1 – Retrato de José Queirós, Pintura de Columbano Bordalo Pinheiro, 1885, Museu do Chiado – Museu Nacional de Arte Contemporânea, Lisboa, inv. n.º 1461. (© José Pessoa / DGPC / ADF)

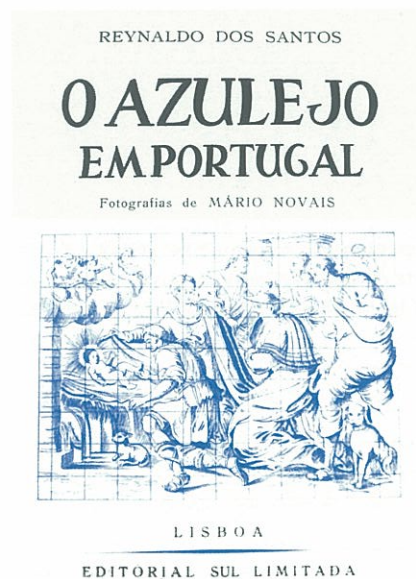


concelos (1849-1936) e José Queirós (1856-1920)". *A Cerâmica Portuguesa da Monarquia à República*. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo. 15-26.

<sup>5</sup> Telles, Francisco Liberato. 1986. *Dois Palavras sobre Pavimentos; Temas de Lisboa na Iluminura e no Azulejo*, Catálogo da exposição da C.M.L (Palácio Galveias, Lisboa).

<sup>6</sup> Robert C. Smith (1912-1975) e a investigação na História de Arte. 2000. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fig. 2 – Frontispício da obra *O Azulejo em Portugal* de Reynaldo dos Santos, 1957-58.



Outro autor, Francisco Sousa Viterbo (1845-1910) lançou, em 1922 pela Associação dos Arqueólogos de Lisboa, *Cerâmica Lisbonense nos princípios do século XVII*, e "A Quinta dos Azulejos" em *O Instituto* (datado de 1909 mas com edição posterior).

Paralelamente à produção escrita, a vertente museológica não foi descurada. Citem-se as principiantes intenções museológicas, em finais do século XIX, de José Maria Nepomuceno (1836-1895) e Francisco Liberato Teles (1843-1902)<sup>5</sup> em reunir variados azulejos provenientes de conventos extintos e outros edifícios públicos no Convento da Madre de Deus.

Em 1939, foi importante a *Exposição de Cerâmica Ulissiponense*, organizada por Augusto Cardoso Pinto no Palácio Galveias, embrião do efêmero Museu de Azulejo e Faianças de Lisboa, que mais tarde deu origem ao Museu da Cidade.

Os anos 40 foram essencialmente impulsionados por uma vontade de rastreio e cadastro de obras do património nacional. Em 1943, a Academia de Belas-Artes de Lisboa inicia a publicação monumental do *Inventário Artístico de Portugal* de que resultaram a edição de sete distritos agrupados em XIII tomos e onde o azulejo se destaca com a sua intenção e função verdadeiramente decorativa. Durante os anos 50 surgirá Reinaldo dos Santos (1880-1970), nomeadamente com a primeira perspectiva de conjunto sobre *O Azulejo em Portugal* de 1957-58 (Fig. 2), obra reunida no volume III de *Oito Séculos de Arte Portuguesa* e, numa visão "de fora" da arte portuguesa, o olhar atento de Robert Chester Smith (1912-1975) que avançará com atribuições de obras, registando e fotografando os seus objectos de estudo, constituindo uma vasta colecção de imagens, particularmente no campo da talha, das artes decorativas e da arquitectura do Norte de Portugal nos séculos XVII e XVIII<sup>6</sup>.

A partir deste momento o estudo e interesse pela arte do azulejo vem desenhando e conquistando demoradamente as suas fronteiras, faltando ainda em meados dos anos 60 e 70 uma obra geral e de perspectiva mais ampla sobre a evolução do azulejo em Portugal, e mais especificamente sobre o seu papel e a sua relação com a arte barroca portuguesa.

Numa escala mais global, outros desafios se começam a colocar ao estudo do azulejo barroco, tais como a tentativa de identificar "escolas", correntes artísticas, estilos e autorias.

## João Miguel Santos Simões (1907-1972)

As bases mais sólidas de uma historiografia da especialidade pertenceram ao Engenheiro João Miguel Santos Simões (Fig. 3) que fez da azulejaria portuguesa um lugar de inquietações e objecto de investigação pessoal.

Um dos seus principais desígnios foi, desde sempre, fazer progredir a investigação no campo da azulejaria, à qual dedicou a sua vida.



Fig. 3 – Fotografia de João Miguel Santos Simões, Museu Nacional do Azulejo. Espólio João Miguel dos Santos Simões.

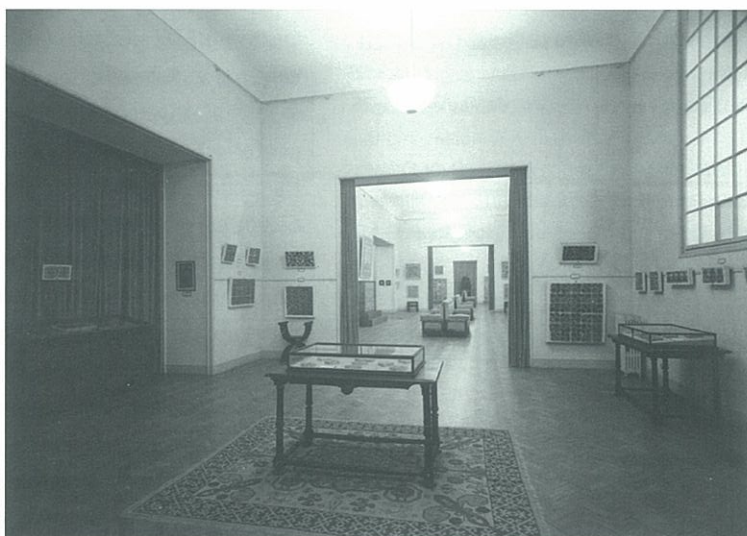


Fig. 4 – Azulejos – 6.ª Exposição Temporária de Azulejos do Museu Nacional de Arte Antiga, Museu Nacional de Arte Antiga, 1947.

É como Conservador-Ajudante do Museu Nacional de Arte Antiga que organizou em 1947 uma exposição – *Azulejos*, a 6.ª exposição temporária deste museu (Fig. 4), um verdadeiro embrião do futuro Museu Nacional do Azulejo, na distribuição da colecção pelas salas de exposição, as divisões cronológicas e temáticas da azulejaria, questões que definiram igualmente a futura organização do *Corpus de Azulejaria Portuguesa*, um projecto pioneiro e – depois aliado à *Brigada de Estudos de Azulejaria* – que só nos anos 60 começará a ganhar forma<sup>7</sup>.

A tentativa de realização de um inventário sistemático e abrangente em termos geográficos da azulejaria com diferentes cronologias e tipologias irá constituir o propósito da carta que João Miguel Santos Simões apresentará, no dia 25 de Janeiro

<sup>7</sup> Câmara 2007a, 145-155; Câmara 2008b, 419-422.

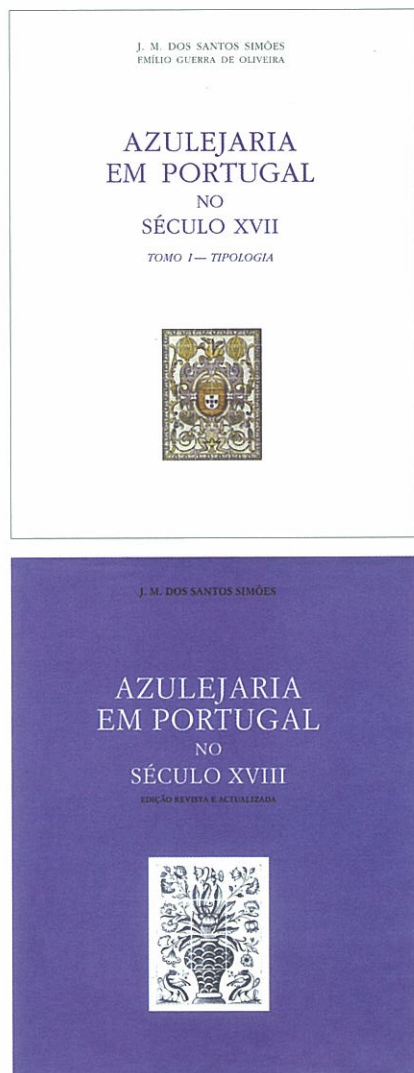


Fig. 5 – Reedições *Corpus da Azulejaria Portuguesa*. *Azulejaria em Portugal no século XVII*, 1997, *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, 2010.

de 1957, ao então presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, o Doutor Azeredo Perdigão:

*“O trabalho que proponho oferecer à Fundação Calouste Gulbenkian é a realização de uma obra total sobre azulejaria... Trabalho que não é apenas de síntese ou vulgarização, pretende ser acima de tudo útil e completo... Assim será na verdade, o primeiro livro que abarca este tão importante capítulo das Artes Decorativas num âmbito internacional, dando a conhecer insuspeitadas riquezas e esclarecendo não poucos pontos que, por falta de unidade sistemática, têm ou passado despercebidos ou lamentavelmente interpretados. Mais do que um “livro de arte” pretende ser um livro “para a arte” e para os estudiosos, reunindo num “corpus” homogêneo o muito que se encontra desconexo e disperso...”<sup>8</sup>, projecto que se materializará, anos mais tarde, num empreendimento de esforço e mérito conjunto, com a intenção desta Instituição em patrocinar aquilo que ficou conhecido como o *Corpus da Azulejaria Portuguesa*, cujo propósito era realizar a sistematização dos exemplares que ilustravam a evolução da arte do azulejo em Portugal.*

Depois de percorridos alguns trilhos e de vários planos de publicação, a obra resultou em cinco volumes: *Azulejaria Portuguesa nos Açores e Madeira* (1963); *Azulejaria Portuguesa no Brasil (1500-1822)* (1965); *Azulejaria em Portugal nos séculos XV e XVI* (1969), *Azulejaria em Portugal no século XVII* (1971), as duas últimas com reedições recentes (1990; 1997), e *Azulejaria em Portugal no século XVIII*, edição póstuma (1979) – esgotada há vários anos, recentemente reeditada e actualizada –, e algumas monografias complementares, na sua maioria inéditas (Fig. 5).

João Miguel Santos Simões acreditava que os azulejos constituíam um caso exemplar entre os materiais cerâmicos culturais. Consciente da amplitude do seu trabalho ensaiou uma metodologia de inventariação que se revelou eficaz na sua planificação, compondo-se assim de diversas fases.

Numa primeira fase, era efectuada a localização dos núcleos. Este processo era realizado através do envio de inquéritos às Câmaras Municipais e Paróquias bem como pela publicação de pequenos artigos, em jornais locais, que solicitavam a colaboração da população nesta tarefa de descobrir novos azulejos.

Numa segunda fase, procedia ao trabalho de campo propriamente dito, que consistia na verificação dos dados recolhidos e no levantamento das informações que anotava em livros de campo e que registava fotograficamente.

Por fim, num último momento todo o material era compilado e organizado, este já um trabalho de gabinete, em que eram elaboradas fichas de texto para cada edifício inventariado e relacionado com um ficheiro geral de índices, constituído por fichas temáticas (Fig. 6) com várias entradas (azulejos datados, ornamentais, iconográficos, legendados, mitológicos, religiosos, entre muitos outros).

Concebeu e arquitectou, deste modo, um projecto, que foi meticulosamente cumprido ao longo de quase três décadas, deixando uma obra vastíssima como historiador e teórico do azulejo e, um importantíssimo testemunho: uma nova forma de pensar, modelar, conhecer e entender a arte do azulejo.

<sup>8</sup> Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca de Arte, Arquivo Santos Simões, Espólio, Dossier n.º 2.

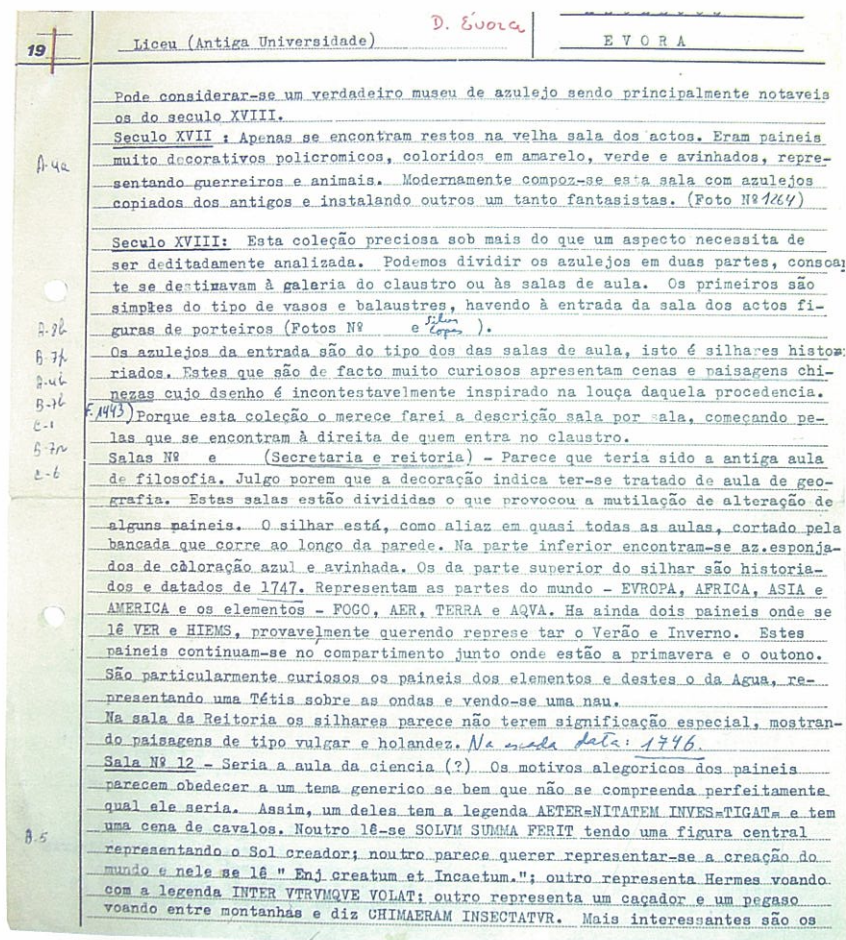


Fig. 6 – Ficha de Inventário. Espólio de João Miguel Santos Simões, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian.



João Miguel dos  
**Santos Simões**  
1907-1972

Fig. 7 – Catálogo da Exposição João Miguel Santos Simões. 1907-1972, MNAz, 2007.

Foi precisamente em 2007, para assinalar o centenário do seu nascimento, que o Museu Nacional do Azulejo lhe dedicou uma homenagem realizando uma exposição e um catálogo *João Miguel Santos Simões 1907-1972* (Fig. 7), onde a sua obra foi revista, ficando bem patente a extraordinária actividade desenvolvida por este estudioso, assim como o modo como a exerceu, com grande empenho pessoal, rigor científico e responsabilidade cívica.

Mais recentemente, em Novembro de 2010 no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, a Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel Santos Simões organizou um Colóquio Internacional<sup>9</sup> sobre a *Herança de Santos Simões – Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica*, reunindo um conjunto de investigadores que procuraram reflectir e apresentar novos contributos em torno de estudos de Azulejaria e de Cerâmica, não esquecendo a Salvaguarda e Preservação deste Património, assunto ao qual regressaremos.

<sup>9</sup> Data de 1971 o 1.º Simpósio Internacional sobre Azulejaria organizado por J. M. Santos Simões. Vd. Mântua, Ana Anjos. 2007. “O I Simpósio Internacional de Azulejaria, Lisboa 1971”. *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus e da Conservação – Museu Nacional do Azulejo: 129-141. Outros Encontros sobre Azulejaria foram promovidos pela Fundação das Casas de Fronteira e Alorna em Lisboa durante os anos 90.



Fig. 8 – Catálogo da Exposição *Azulejos de Lisboa*, Museu da Cidade, Lisboa, 1984.

## Estudos nas décadas de 80 e 90

A recepção e herança da figura incontornável de João Miguel Santos Simões levou muitos historiadores a reflectirem sobre um conhecimento mais directo da sua “lição”. As principais linhas de trabalho, assim como os seus interesses vocacionais geraram um campo de investigação profícuo, anteriormente virgem e pouco conhecido.

Os anos que se seguiram ao seu desaparecimento, e a inoperância da *Brigada* de Azulejaria reduzida a um Arquivo, foram caracterizados por alguma indecisão, confusão e dificuldades, gerando um vazio no estudo da azulejaria portuguesa.

Na década de 80 reactivam-se as colecções nacionais mais importantes da azulejaria. Precisamente em 1980<sup>10</sup>, com base em legislação oficial, a estrutura instalada no antigo convento da Madre de Deus é assumida como Museu.

Rafael Calado (1937-2006) irá comissariar, uns anos depois, a exposição itinerante *Azulejos – Cinco Séculos do Azulejo em Portugal*, sendo igualmente montada a exposição do Museu da Cidade *Azulejos de Lisboa* (Fig. 8), cujo catálogo constitui a primeira síntese actualizada sobre azulejaria portuguesa após a de Reinaldo dos Santos (1880-1970), preferencialmente no contexto de Lisboa.

A partir daqui, muitos trabalhos avançam concretamente na recuperação e tentativa de definição de um ciclo barroco na Azulejaria Portuguesa. Surgirão estudos monográficos e parcelares, desviando-se a ideia de uma abordagem mais global e alargada. São eles os trabalhos de Flávio Gonçalves – *As obras setecentistas da Igreja de Nossa Senhora da Piedade e o seu enquadramento da Arte Portuguesa da primeira metade do século XVIII* (1984), Carlos Moura e José Meco, respectivamente nas Publicações Alfa (1989). O primeiro com a definição dos primórdios do Barroco, *Sombra, luz e cromatismo: a pintura e o azulejo. As artes decorativas*, e o segundo com uma proposta de síntese *O Azulejo em Portugal*. Ainda nos finais dos anos 80, o *Dicionário do Barroco* (...), privilegia a azulejaria com algumas das seguintes entradas: “Azulejo”, “Figuras de convite”, “S. Lourenço de Almansil”, “Quinta dos Azulejos”, “Palácio do Correio-Mor”, “Loios de Évora”, “Loios de Arraiolos”, “Valentim de Almeida”, “Policarpo de Oliveira Bernardes” e “António de Oliveira Bernardes”.

Pela mesma altura, a revista sobre estudos barrocos – *Claro/Escuro* (1989-90) – aparece com importantes trabalhos de Luísa Arruda ao nível da encomenda, do retrato cerâmico e da caracterização de um género artístico correcta e cientificamente delimitado em relação às outras criações azulejares portuguesas do tempo: as figuras de convite – *O retrato de D. João V na Portaria de S. Vicente de Fora e o Palácio de Xabregas. Do Legado de Tristão da Cunha às grandes obras do século XVIII*; intenções que irão desembocar mais tarde num projecto mais alargado e inovador – *Azulejaria Barroca Portuguesa – Figuras de convite* (1993).

Respectivamente em relação ao rococó e ao período pós-terramoto, as lacunas existentes eram maiores. Inicia-se, ainda nos anos 80, uma reformulação cronológica deste período em fases individualizadas. Concretamente no que respeita à produção ligada à Fábrica do Rato intuída por José Meco: *Azulejaria no Concelho*

<sup>10</sup> Decreto-Lei 404/80 de 26 de Setembro. Carvalho 2007a, 107-117.

de Oeiras. *O Palácio Pombal e a Casa da Pesca* (1982) e *Louças do Rato e azulejos pombalinos*, artigo que acompanha o Catálogo da Exposição patente no Museu da Cidade em 1982 e, ainda, o estudo sobre o retrato cerâmico de José Sarmiento de Matos a propósito do programa decorativo da Galeria dos Reis no Palácio Fronteira publicado na revista Italiana *F.M.R.* (Milão, 1985).

Os anos 90 constituem um período de expansão em edições relacionadas com a temática da azulejaria setecentista e a sua presença no Brasil. Assim, assistimos ao aparecimento de duas obras sequenciais sobre os azulejos em Portugal e no Brasil: *Azulejos na cultura luso-brasileira* (dir. de Dora Alcântara, 1997) e *Azulejos – Portugal e Brasil* (revista *Oceanos*, 1998/1999).

O ano de 1991 ficou assinalado com o aparecimento da revista *Azulejo* (n.º 1, 1991; n.º 2, 1992; n.º 3/7, 1995-1999) um projecto editorial ligado ao Museu Nacional do Azulejo: a história do azulejo, iconografia, monografias sobre conjuntos de azulejo *in situ*, fontes iconográficas do azulejo são áreas do conhecimento que aqui encontram espaço de publicação e actualização. Também os importantes estudos de Luís Moura Sobral sobre um sentido da narração plástica muito têm contribuído para uma leitura direccionada do programa azulejar, tais como *Pulchra Est Amica Mea: Simbolismo e narração num programa imaculista de António de Oliveira Bernardes* (1999), entre outros.

Destaque-se ainda, um conjunto de trabalhos muito importantes relacionados com a azulejaria de Lisboa: *Azulejos. Painéis do século XVI ao século XX* (Santa Casa da Misericórdia, 1994), *História e Azulejo. Hospitais Civis de Lisboa* (1996); *Guia do Azulejo* (Guias do Caminho a Oriente 1998) e *Azulejos. Arte e História* (1998) importantes colaborações num entendimento da articulação dos azulejos com o espaço e com as arquitecturas.

Também de acrescentar a panóplia de estudos e publicações de José Meco, que desde 1979 tem trabalhado e reflectido sobre uma análise interpretativa da azulejaria barroca, e os trabalhos de Vítor Serrão na perspectiva do estudo e da leitura integrada da obra de arte<sup>11</sup>.

A completar, uma atenção às colecções e ao alargamento ao espaço da cerâmica portuguesa, foram apresentadas no Catálogo da Exposição do Museu Nacional do Azulejo: *Cerâmica Neoclássica em Portugal* (1997), um estudo contextualizado das colecções e ao mesmo tempo um levantamento criterioso do património público e privado.

## Novas abordagens

Com significativos contributos nos últimos anos, uma identidade da azulejaria – designada amplamente por barroca –, que abrange e se estende a todo o século XVIII, continua a apresentar-se como uma grande área de investigação e de trabalho onde se impõem grandes ciclos de produção, alguns ainda por precisar, esclarecer

<sup>11</sup> Ambos os autores apresentaram sínteses sobre o tema. Serrão 2003 e Meco 2002

<sup>12</sup> Mangucci, António Celso. 1996. "Olarias de Louça e Azulejos da Freguesia de Santos-o-Velho dos Meados do Século XVI aos meados do século XVIII". *Al-madan* II série, 5. Almada: Centro de Arqueologia de Almada; e Mangucci 2003a.

e delimitar. Uma parcela desta azulejaria é anônima, desconhecendo-se em parte quem a produziu e quem a encomendou.

Novos agenciamentos estéticos se colocam hoje à caracterização da azulejaria portuguesa deste período, procurando encontrar um entendimento e padrão comum entre esta arte e outros objectos artísticos assente em três variantes principais: o enquadramento histórico, a análise artística, e a leitura iconográfica.

Podemos incluir um conjunto de motivações e de novas abordagens e actuações que têm contribuído para a certificação e legitimidade artística e social deste suporte artístico.

Cumpre, neste texto, enunciá-los como suportes de trabalho para uma sólida prática historiográfica e cultural que se deseja cada vez mais intensa.

Uma das primeiras questões tem-se centrado na reflexão sobre a metodologia e normalização, aferindo critérios de identificação de peças existentes em colecções tanto privadas como públicas e ainda a apresentação de soluções para o desenvolvimento e prática do trabalho de inventariação *in situ* partindo de levantamentos totais ou parciais.

Tornou-se cada vez mais urgente recensear e preservar os conjuntos azulejares *in situ*, fomentando paralelamente uma política eficaz de restauro. Esta última questão tem sido felizmente e, com sucesso, seguida no Museu Nacional do Azulejo, para a qual a atenção se tem focalizado nos últimos anos.

É, especificamente, em relação à tentativa de estabelecer critérios estilísticos, definição de autorias e ciclos de produção que muitos trabalhos de investigação procuram dar actualmente resposta.

Merece aqui realçar a pesquisa arquivística aplicada aos estudos sobre cerâmica e azulejaria produzida ao longo dos séculos XVII e XVIII, que embora se afastando do exame directo dos objectos, traz informações fundamentais para o conhecimento da sua história: o estudo topográfico e a localização de fábricas e oficinais, o seu funcionamento, a distinção entre os diversos ofícios (oleiros, ladrilhadores e pintores de loiça e azulejo), assim como todo o processo de encomenda, produção e difusão do azulejo. Estas recentes perspectivas de investigação contam com importantes trabalhos de Celso Mangucci<sup>12</sup>.

Outra das mais destacadas e importantes abordagens do estudo da azulejaria barroca recai sobre a análise da sua iconografia e a leitura dos espaços e dos programas decorativos. As potencialidades narrativas do azulejo fazem parte da sua complexidade. Importantes estudos sobre o sentido da narração plástica muito têm contribuído para uma leitura direccionada do programa azulejar barroco (Sobral 1999; Correia 2001, Carvalho 2003, 2007b, 2008).

A questão das fontes de inspiração do azulejo e o papel importantíssimo da gravura e da imagem impressa, manuseada, manipulada, pensada como um instrumento do conhecimento, tem suscitado muito interesse na forma e no modo como os pintores de azulejo procuraram utilizar essas gravuras, levando-nos a perceber o fenómeno de cópia no sistema da produção pictórica. A força destas imagens, constituiu ela própria um referente cultural, partilhando a ideia de que é preci-



so ir um pouco mais longe e encontrar as funções dos próprios modelos sobre o processo artístico.

Recentemente, alguns trabalhos de âmbito universitário (dissertações de Mestrado e Doutoramento) procuraram estudar a relação entre a estampa e o azulejo, como um *item* importantíssimo para a compreensão da originalidade do imaginário português registado na pintura azulejar (Almeida 2004; Correia 2005; Rosário 2007b; Verão 2009; Campelo 2010; Eusébio 2010)

Num registo um pouco diferente de interpretação do azulejo deste período, seguindo o enfoque numa contextualização social e cultural do azulejo civil e integrando a azulejaria deste período nos quadros da vida social e cultural que a produziram, procurou-se encontrar e cruzar as relações e significações entre o discurso da iconografia azulejar com um terreno mais vasto da arte e da cultura portuguesas deste período, destacando a função social do azulejo em contexto exclusivamente civil (Tércio 1999; Câmara 2001).

A utilização das novas tecnologias em parceria com laboratórios e institutos tecnológicos e o desenvolvimento de projectos científicos acreditados e financiados pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) nos últimos anos, tais como: o estudo interdisciplinar sobre o grande painel da *Vista de Lisboa* (Fig. 9) pertenc-

Fig. 9 – Pormenor do *Grande panorama de Lisboa*, Paço da Ribeira, Lisboa c. 1700, Faiança a azul sobre branco, 115 × 2247 cm, Proveniente do antigo Palácio dos Condes de Tentúgal, Lisboa, MNAz. (© IMC / Carlos Monteiro)



<sup>13</sup> Um sistema de gestão do património desenvolvido pela empresa Sistemas de Futuros com a qual a Rede Temática de Estudos em Azulejaria e Cerâmica JMSS mantém uma estreita colaboração. Este sistema relaciona diversas bases de dados que, integradas, cumprem os objectivos definidos para o inventário da azulejaria: 1) inventário do património azulejar *in situ* (módulo de inventário de património integrado); 2) dicionário de pintores de azulejo, autores, azulejadores e fábricas; 3) thesauri de iconografia e de termos cerâmicos; 4) conservação e restauro e análises laboratoriais; 5) bibliografia sobre azulejaria e cerâmica. Vd. <http://redeazulejo.fl.ul.pt/>

cente ao Museu Nacional do Azulejo; a busca e indexação de bases de dados de imagens artísticas, a procura de técnicas não destrutivas para a visualização, caracterização, diagnóstico e conservação dos azulejos, e a caracterização química e física dos azulejos históricos com o objectivo de se conhecer melhor as causas da sua deterioração física, pretendem proporcionar um estreitamento das relações entre as áreas das Ciências, incluindo a computação gráfica e a História da Arte. Por fim, os inventários, procuram dar a conhecer a realidade patrimonial do país. São exemplos de boas práticas: *Inventário do Património em Azulejo do Século XVIII em Território Continental*, um projecto ambicioso financiado pelo FCT entre 2005 e 2008, que procurou levar a cabo a revisão e actualização da *Brigada de Santos Simões* através de um trabalho de campo e posterior registo informático, que se iniciou no Museu Nacional do Azulejo, tendo agora continuidade através do sistema de gestão de património *in patrimonium*<sup>13</sup> (Fig. 10) desenvolvido e em curso na Rede Temática de Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel Santos Simões; o *Inventário do património azulejar do Centro Hospitalar de Lisboa Central* realizado ao abrigo do protocolo celebrado entre o Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro Hospitalar de Lisboa Central, com o objectivo de inventariar o património azulejar dos hospitais

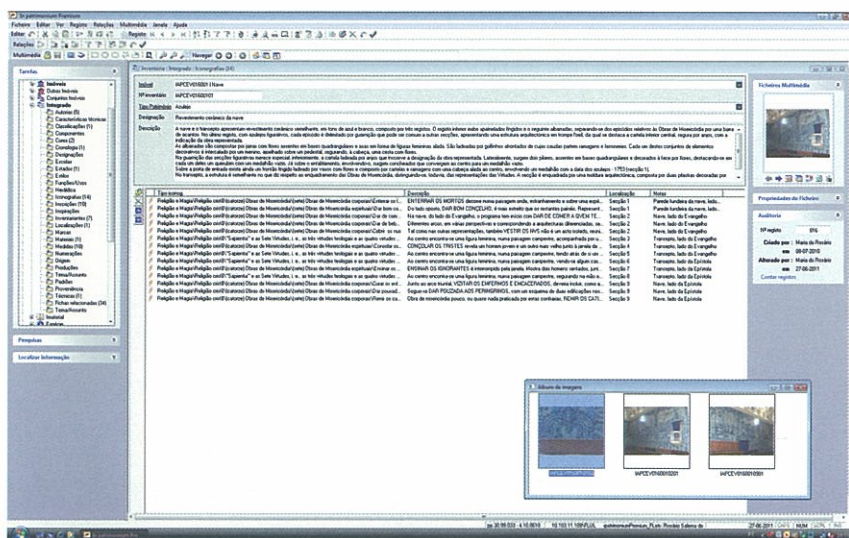


Fig. 10 – Ficha do *in patrimonium*. Rede Temática de Estudos em Azulejaria e Cerâmica João Miguel Santos Simões.

que integram este Centro entre os quais se destacam, pelo seu original valor artístico e patrimonial, o Hospital de Santa Marta, o Hospital de São José e o Hospital de Santo António dos Capuchos.

Citem-se, ainda, outros projectos em curso como o *PrintArt* – Busca e indexação em bases de dados de imagens artísticas, e *Radiart* – um projecto interdisciplinar centrado no uso de técnicas não invasivas, ambos projectos I&D financiados pela FCT e envolvendo instituições parceiras na áreas das tecnologias como o Instituto Superior Técnico e o Instituto Tecnológico Nuclear.

## Instituições e Redes

Temos vindo a constatar, ao longo deste texto, o grande impulso que a investigação em História do Azulejo barroco tem sofrido nos últimos anos contando com trabalhos marcantes divulgados em exposições, catálogos, monografias, estudos específicos, dissertações, projectos de investigação entre outros, que têm posto em evidência importantes e relevantes conjuntos inéditos e contribuído cada vez mais para a conquista e afirmação da azulejaria enquanto disciplina emergente e objecto de estudo no contexto tanto das Artes Decorativas em particular, como da História da Arte em geral.

Como sabemos o património em azulejo ganhou, com o recente conceito de *património integrado*<sup>14</sup>, unidade e um estatuto de um bem cultural “especializado”, assim classificado por estar fixo na arquitectura e ser parte essencial das funcionalidades prática, estética e simbólica do edifício que integra, com frequência estruturando o próprio espaço e carregando-o de significados.

<sup>14</sup> A designação “património integrado” foi literalmente inventada quando da redacção da Lei Orgânica do IPPAR na sua versão de 1997 (Decreto-Lei 120/97 de 16 de Maio). A ideia inicial foi a de distinguir claramente aquilo que vinha quase sempre referido como património “móvel”. Paralelamente avança-se com a criação de um Departamento dedicado em exclusivo ao património integrado (art.º 18). Vd. *Património. Estudos. Conservação e Restauro de Património Móvel e Integrado*. 4 (2003). Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico.

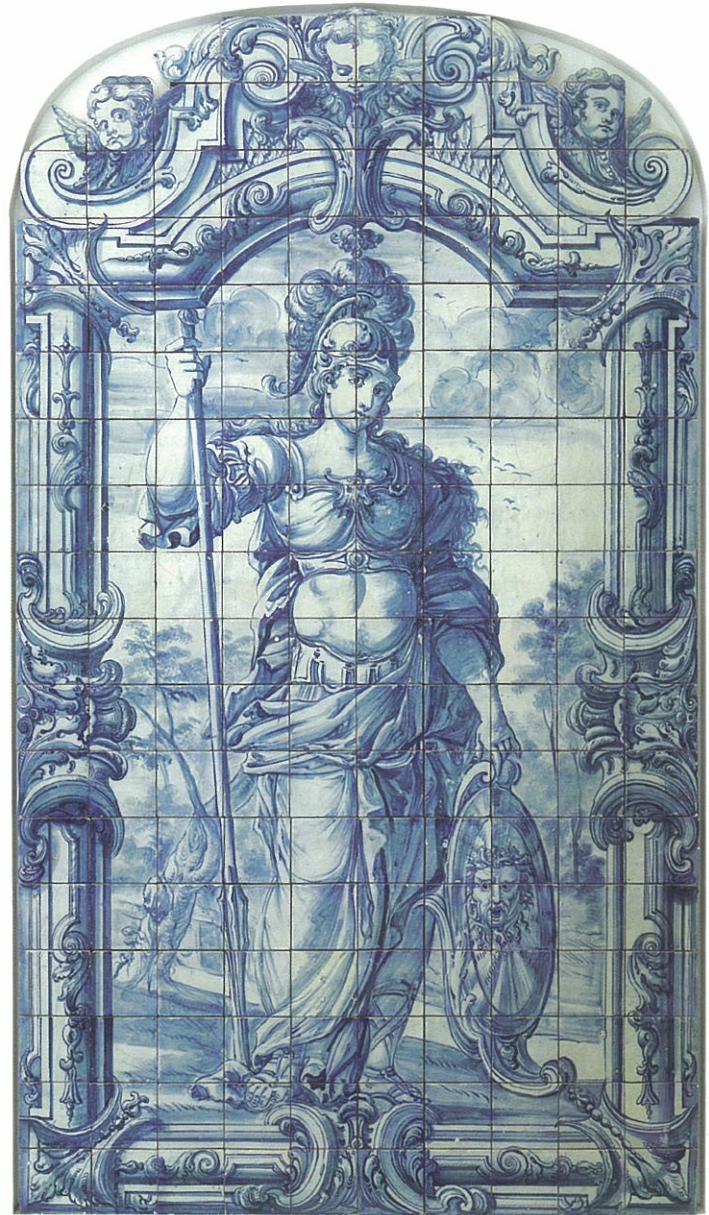


Fig 11 – *Athena*, painel Mitológico, Faiança azul sobre branco, Lisboa, século XVIII, MNAz, inv. 6116. (© IMC / Luísa Oliveira)

Neste sentido, tem sido da maior importância o destaque e a atenção que as principais instituições responsáveis pelo património português têm concedido ao estudo, preservação e divulgação do azulejo.

Atentos a esta visão e perspectiva integral do monumento, um conjunto de instituições do Estado, a destacar o antigo Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR/ então na tutela do Ministério da Cultura), tem mantido um esforço de investimento na conservação e restauro do património integrado, contando para tal com um Programa específico – “Programa de Valorização e Defesa dos Valores Culturais Móveis” e com o “Programa Operacional da Cultura” (POC).

O universo de imóveis classificados no âmbito do património integrado revela-se, actualmente, numa lista considerável de intervenções diversificadas recentemente concluídas, em curso ou em preparação apresentadas por tipologias, em que a conservação e o restauro de património integrado e particularmente o azulejo adqui-

riu maior expressão, sendo o caso por exemplo de conjuntos monásticos, palácios nacionais, ou em apoio a outras entidades.

As acções de conservação e restauro efectuadas por este organismo incidem sobre um universo extenso e diversificado obrigando, por isso, a critérios selectivos de intervenção e à articulação com programas mais vastos de salvaguarda e recuperação dos imóveis de que fazem parte.

Outras instituições como a ex-Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), actual Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), e as Direcções Regionais de Cultura (Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve) têm-se mantido atentas e intrinsecamente vocacionados para a área da reabilitação urbana e, conseqüentemente, da salvaguarda e valorização patrimonial assegurando a memória e vivência do edificado.

A Igreja tem igualmente contribuído com um papel activo no estudo e investigação desta área, promovendo colóquios, cursos, itinerários culturais e publicações. Referimo-nos ao Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja (SNBC) e a sua recente publicação semestral *Invenire – Revista dos Bens Culturais da Igreja* (já no seu 3.º número) numa aposta da difusão de projectos de salvaguarda do património cultural e artístico da Igreja Católica em Portugal em articulação com a difusão de estudos e trabalhos científicos inéditos e, ainda, o importante papel desempenhado pelo Departamento do Património Artístico da Diocese de Beja.

Os museus são instituições que têm desempenhado uma função de extrema importância na divulgação das suas colecções e no alargamento ao espaço da cerâmica portuguesa.

Uma atenção particular recai no museu da especialidade – o Museu Nacional do Azulejo – que, desde sempre, tem procurado agilizar meios e saberes que possam ser adequados à inventariação do azulejo *in situ*, cabendo-lhe a tarefa de uma reflexão sobre a metodologia e inventariação do património em azulejo, quer assumido como peça museológica, quer como conjunto integrado nas arquitecturas, não descurando a inventariação e estudo do seu espólio, como é exemplo o projecto de investigação centrado sobre as reservas do Museu intitulado *Devolver ao Olhar*.

Devemos ainda salientar os encontros científicos e os cursos livres promovidos e centrados neste espaço, tais como *Curso de História do Azulejo. Cinco séculos de Presença em Portugal* em 2009 e *Um Gosto Português. O uso do Azulejo no século XVII* em 2010, e a decorrer a partir de Fevereiro de 2012 – *D'aquem e d'além-mar. O azulejo e as artes decorativas no contexto de expansão portuguesa*, entre muitos outros.

Os últimos anos trouxeram, em particular às autarquias, mudanças significativas na forma de olhar este património *in situ*, expressando e emitindo pareceres sobre a salvaguarda e protecção deste património envolvendo muitas vezes a comunidade local através de campanhas de sensibilização para as questões patrimoniais<sup>15</sup>. No caso específico de Lisboa, a Câmara Municipal, através da Direcção Municipal de Cultura e Departamento de Património Cultural, tem no seu horizonte um Programa

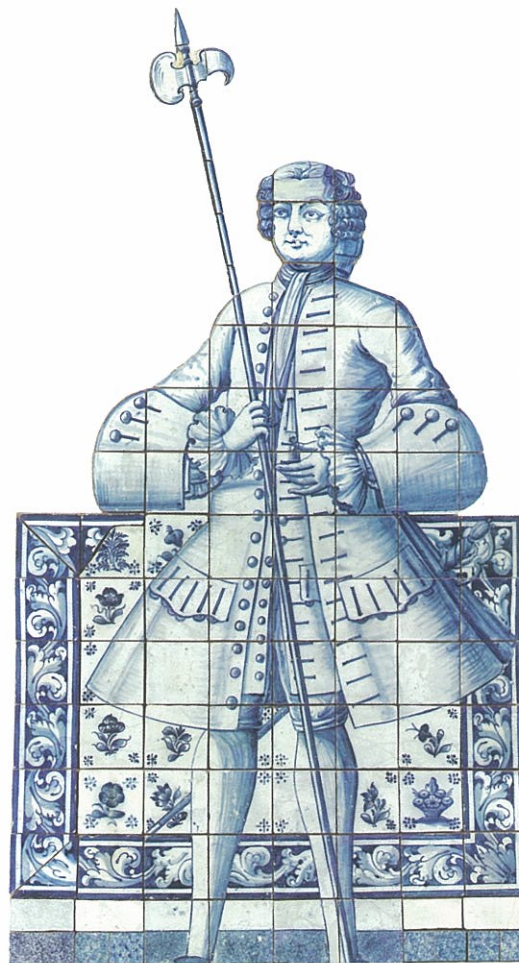


Fig 12 – *Figura de Convite*, Faiança a azul sobre branco, Lisboa, século XVIII, MNAZ, inv. 6115. (© IMC / Luísa Oliveira)

<sup>15</sup> Alguns municípios do país sensibilizados para a salvaguarda do património azulejar partilham bons exemplos e profícuas experiências. Vejam-se os casos de Ovar, Aveiro e Montijo entre outros. Câmara 2008a.

<sup>16</sup> A Rede passou a integrar o Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em Julho de 2009, por indicação da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e à luz de um protocolo firmado entre o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC) e a Faculdade de Letras. <http://www.redeazulejo.fl.ul.pt/>

<sup>17</sup> Santos Simões colocará ao serviço da criação do Museu do Azulejo o seu vasto conhecimento em azulejaria e a sua experiência em museologia. Em muitos dos seus trabalhos ressalta uma das suas prioridades, a vertente didáctica e a utilidade social do museu. Na sua obra intitulada "Museu do Azulejo: Proposta para a sua Criação (1959)" sugere o aparecimento de um Centro de Estudos de Azulejaria, ponte entre a actividade científica e a divulgadora do Museu. Vd. Henriques, Paulo. 2010. "Investigação no Museu Nacional do Azulejo: do projecto de um Centro de Estudos a uma Rede Temática". Comunicação apresentada no Congresso Internacional *A Herança de Santos Simões. Novas Perspectivas para o Estudo da Azulejaria e da Cerâmica* (Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões).

de Investigação e Salvaguarda do Azulejo de Lisboa (PISAL) um instrumento que permitirá à Autarquia definir uma visão estratégica das intervenções necessárias ao estudo e salvaguarda do património azulejar – já promovendo o 1.º Encontro de Património Azulejar subordinado ao tema *Lisboa: o Azulejo e a Cidade* em Novembro de 2011 – aprofundando o conhecimento sobre a conservação do património azulejar da cidade e hierarquizando as prioridades de intervenção, com articulação à escala de cada freguesia, de forma a criar maior operacionalização, cruzando assim diversas acções de diferentes actores locais, tais como o incentivo e encorajamento do "SOS Azulejo" (Museu de Polícia Judiciária), propondo um conjunto de conselhos e boas práticas na ajuda da prevenção criminal e conservação preventiva deste património.

Não podemos também esquecer e descurar neste caminho a função que a Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT / actual Ministério da Educação, Ciência, Tecnologia e Ensino Superior) tem procurado desempenhar tanto na atribuição de bolsas de Doutoramento e Pós-Doutoramento, como no lançamento de candidaturas anuais para projectos de investigação contemplando áreas como a História, História da Arte e Estudos Artísticos, tornando-se o principal agente de financiamento de Unidades e Centros de Investigação, sediados nas Universidades e que promovem de Norte a Sul do país investigação científica de qualidade. Para finalizar, em 2006 foi criada inicialmente no Museu Nacional do Azulejo<sup>16</sup>, a Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica João Miguel dos Santos Simões (RTEACJMSS), um núcleo de especialização científica com o objectivo e a missão de promover a pesquisa sobre o azulejo e a cerâmica e o incremento dos estudos artísticos desenvolvidos pela obra do seu mentor e preponente Engenheiro João Miguel dos Santos Simões<sup>17</sup>. A Rede Temática conta actualmente com número razoável de bolseiros/investigadores, centrando a sua força no seio da comunidade científica no rigor da investigação e na valorização deste imenso património artístico.

## Que futuro?

O estudo e a investigação na área do azulejo (séculos XVII e XVIII) sofreu, como vimos, mudanças significativas nos últimos tempos. Os estudos sobre a encomenda, os programas iconográficos, a relação entre o azulejo e a arquitectura, os seus usos e as suas funções, as referências ao desenvolvimento das olarias, a evolução estilística, as questões de autoria e a análise química de pastas, vidrados e pigmentos, são frentes e linhas de trabalho em curso e franco desenvolvimento que podem revelar um crescente conhecimento e complexidade desta área de trabalho. Tratando-se de uma presença material que marcou originalmente uma parte significativa da geografia cultural de Portugal ultrapassando as fronteiras continentais, torna-se, cada vez mais, premente definir e conhecer com profundidade este universo rico de significações e dele fazer uma leitura artística alargada e integrada.

Acreditamos que uma inventariação exaustiva acompanhada de estudos científicos e desenvolvimentos parcelares do património em azulejo (não apenas das centúrias em análise, mas incluindo todas as épocas), uma real atenção às existências actuais e estado de conservação, o acesso deste sistema, quer às autarquias, quer às Universidades e outras instituições no sentido de permitir a integração de mais informação; nos permitirá alargar a “banda”, tornando-se, cada vez mais, um campo de trabalho para futuras e sucessivas gerações de historiadores de arte e outros estudiosos trabalharem.

A produção recente de importantes teses de Mestrado e Doutoramento, a juntar os projectos de investigação que têm como centro ou ponto de partida o Azulejo em Portugal, põe em evidência a necessidade absoluta de um inventário sistemático e actualizado deste património como essencial instrumento de trabalho académico. Só assim se poderá entender e conceptualizar que o estudo e aprofundamento da investigação e reflexão teórica no campo da azulejaria barroca possa crescer e avançar cada vez mais, percebendo dinâmicas e pontos de encontro entre o estudo, o seu levantamento e inventariação e a salvaguarda e protecção deste património integrado.

## Bibliografia<sup>18</sup>

### (2000-2010)

AA. VV.. 2007. *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus e da Conservação, Museu Nacional do Azulejo.

AA. VV.. 2011. *O Azulejo Português de Figura Avulsa*. Coleção Feliciano David e Graciete Rodrigues, Solar do Ribeirinho, Machico, Madeira, 2011.

ALMEIDA, Patrícia Roque de. 2005. “Apontamentos sobre a iconografia dos Eremitas na azulejaria setecentista”. *Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Património* I Série, v. 4: 261-279. Porto: Faculdade de Letras-Departamento de Ciências e Técnicas do Património.

ALMEIDA, Patrícia Roque de. 2006a. “Devoções em Azulejo na Fábrica da Pólvora de Barcarena”. *A Escolha do Trimestre. Monofolha do Museu da Pólvora Negra da Barcarena* 9. Oeiras: Museu da Pólvora Negra – C. M. Oeiras.

ALMEIDA, Patrícia Roque de. 2007. “A Abordagem das Fontes Iconográficas da Azulejaria Portuguesa”. *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura – Instituto Português dos Museus e da Conservação – Museu Nacional do Azulejo. 107-117.

ALMEIDA, Patrícia Roque de. 2007. “Azulejaria do Claustro do Cemitério do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. Os painéis perdidos”. *Estudos Património* 10: 71-80. Lisboa: IPPAR.

<sup>18</sup> Optámos por elaborar um elenco de referências bibliográficas recentes, mas que por razões impostas pela edição não pôde exceder as 40 referências. Incluem-se os estudos mais específicos que nos últimos 10 anos representaram os principais contributos publicados sobre azulejaria barroca.

ALMEIDA, Patrícia Roque de. 2008. "Painel de Azulejos da Antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena. Estudo Iconográfico". *Revista do Museu da Pólvora Negra da Barcarena* 3. Oeiras: Museu da Pólvora Negra – C. M. Oeiras.

ARRUDA, Luísa de Orey Capucho; COELHO, Teresa Campos. 2004. *Convento de São Paulo de Serra de Ossa*. Lisboa: Edições Inapa.

BENTO, Carina Fabiana Henriques. 2009. *Azulejaria da Colecção Berardo. Estudo, Criação de um Sistema de Inventário e Gestão da Colecção, e Proposta de Museu Virtual*. Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa [texto policopiado].

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2001. "O estudo da azulejaria barroca em Portugal: história, análise e evolução". *II Congresso Internacional de História da Arte – Portugal: Encruzilhada de Culturas, das Artes e das Sensibilidades*. Associação Portuguesa dos Historiadores de Arte, Almedina. 163-173

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2005a. *A Arte de Bem Viver: A Encenação do Quotidiano na 2.ª Metade de Setecentos*. Lisboa: FCT/FGC.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2005b. «Uma breve nota sobre a azulejaria do Palácio Rebelo de Andrade – Ceia». *Revista Olisipo* 20/21: 85-92. Lisboa: Grupo Amigos de Lisboa.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2007a. «A Brigada de Estudos de Azulejaria. Génesis de um Inventário do Azulejo em Portugal». Catálogo da exposição. *João Miguel Santos Simões. 1907-1972*. 145-155.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2007b. *A Azulejaria do Século XVIII: Espaço Lúdico e Decoração na Arquitectura Civil de Lisboa*. Porto: Editora Civilização.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2008. «O retrato cerâmico. Modelos de representação na azulejaria portuguesa do século XVIII». *Livro de Homenagem à Prof.ª Maria Helena Themudo Barata*. 731-755.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2008a. *Inventário do Património em Azulejo no Concelho do Montijo*. Coordenação científica. Textos de Rosário Salema e Isabel Pires.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2008b. "A colecção fotográfica "Inventário da Azulejaria Portuguesa" de João Miguel Santos Simões (1960-1968) – objecto artístico, documento e memória". *Vária História* v. 24, 40: 419-422. Belo Horizonte.

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da. 2008c. "Joaquim de Vasconcelos e o estudo das Artes Decorativas em Portugal: a cerâmica e o azulejo (1849-1936)". *Revista de Artes Decorativas* 2: 217-228.

CAMPELO, Joana. 2010. *Registos de Santos em Azulejo (c. 1700 a 1830). Fontes gravadas e distribuição em Azulejo*. Dissertação de Mestrado em Artes Decorativas, Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, 2 vols. [texto policopiado].

CARRUSCA, Suzana. 2001a. «A ermida de São Lourenço dos Matos: um sermão imagético no Algarve barroco». *Al-ulya. Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé* 8: 283-263. Loulé: Câmara Municipal de Loulé.

CARVALHO, Rosário Salema de. 2003. "O programa artístico da Ermida do Rei Salvador do Mundo em Castelo de Vide no contexto da arte barroca". *Artis – Revista do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa* 2: 145-180.

CARVALHO, Rosário Salema de. 2007a. «A investigação em Portugal na área da azulejaria. O inventário e classificação (1972-2006)». *João Miguel dos Santos Simões. 1907-1972. Investigador, Museólogo, Historiador do Azulejo e da Cerâmica*. Lisboa: Ministério da Cultura, Instituto Português dos Museus e da Conservação, Museu Nacional do Azulejo. 107-117.

CARVALHO, Maria do Rosário Salema de. 2007b. ...*Por Amor de Deus. Representação das Obras da Misericórdia, em Painéis de Azulejo, nos Espaços das Confrarias da Misericórdia, no Portugal Setecentista*. Dissertação de Mestrado em Arte, Património e Restauro apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Lisboa, 2 vols. [texto policopiado].

CARVALHO, Rosário Salema de. 2007c. "O século XVIII". *Tapetes Cerâmicos de Portugal – o Azulejo do século XVI ao século XX*. Lisboa: MC, MNAz, Gpeari, IMC. 64-75.

CARVALHO, Rosário Salema de. 2010. "Em torno de Gabriel del Barco – uma perspectiva sobre os pintores de azulejo no final do século XVII". *Actas do Colóquio Ver a Imagem – II Colóquio de Doutorandos em História da Arte, Ciências do Património e Teoria do Restauro*. Lisboa: FLUL (no prelo).

CARVALHO, Maria do Rosário Salema. 2011. "Gabriel del Barco: La influencia de un pintor español en la azulejería portuguesa (1669-1701)". *Archivo Español de Arte* V. 84, n.º 335: 227-244. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Disponível em: <http://xn--archivospaoldearte-53b.revistas.csic.es/index.php/aea/article/view/473/470>

CORREIA, Ana Paula Rebelo. 2001. «Questões de iconografia e fontes de inspiração. As *Metamorfoses* de Ovídio e a *Eneida* de Virgílio». *Actas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: FLUP – Departamento de Ciências e Técnicas do Património. 81-86.

CORREIA, Ana Paula. 2005. *Histoires en Azulejos: Miroir et Memoire de la Gravure européenne. Azulejos barroques à thème mythologique dans l'architecture civile de Lisbonne. Iconographie et sources d'inspiration*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte. Lovaina: Faculté de Philosophie et Lettres – Université Catholique de Louvain.

CORREIA, Ana Paula Rebelo. 2006. «Um ciclo do profeta Elias no claustro do Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Contributo para o estudo iconográfico». *Monumentos* 25: 108-121. Lisboa: DGEMN.

CORREIA, Ana Paula Rebelo, 2007. «Mitologia greco-romana nos azulejos da Casa Museu Verdades». *Revista de História da Arte* 3: 199-221. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/UNL.

EUSÉBIO, Joaquim Vitorino Videira. 2010. *Les cycles d'azulejos de l'église du couvent de Lourçal (Portugal) attribués à Valentim de Almeida (1692-1779)*. Faculté des études supérieures et postdoctorales en vue de l'obtention du grade de Maître ès arts (M.A.) en histoire de l'art, Université de Montreal [texto policopiado].

GMANGUCCI, António Celso. 2002. «A talha, os azulejos e a pintura na Igreja da Misericórdia de Évora». Comunicação apresentada nas Jornadas de Estudo *As Misericórdias como Fonte de Cultura*. Penafiel: Câmara Municipal de Penafiel.

- MANGUCCI, António Celso. 2003a. «A pesquisa e a análise de documentos como contributo para o estudo das olarias de Lisboa». *Actas das 3.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: Câmara Municipal de Tondela.
- MANGUCCI, António Celso. 2003b. «A estratégia de Bartolomeu Antunes: mestre ladrilhador do Paço (1688-1753)». *Al-Madan* II série, 12: 135-148.
- MANGUCCI, António Celso. 2005. «As gravuras de Nicolas Lancret e os azulejos da Quinta da Trindade, no Seixal». *Al-Madan*. II série, 13: 113-118.
- MANGUCCI, António Celso. 2008. «Francisco da Silva, António de Oliveira Bernardes e Francisco Lopes Mendes na Igreja da Misericórdia de Évora». *Cenáculo, Boletim on line do Museu de Évora* 3: 3-18. Disponível em: <http://museudevora.imc-ip.pt/pt-PT/Boletim/numero3/ContentDetail.aspx?id=281>
- MANGUCCI, António Celso. 2009. “Entre o espelho, a cópia e a fruição. As Formas da apropriação do tema das “Fêtes Galantes” na azulejaria portuguesa do século XVIII”. *Lisboa e a Festa: Celebrações Religiosas e Cívicas na Cidade Medieval e Moderna*. Actas do Colóquio de História e de História da Arte. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 313-325.
- MECO, José. 2002. «Azulejos e outras artes». *Monumentos* 17. Lisboa: DGEMN.
- MECO, José. 2005. «Os azulejos do antigo Colégio de Jesus, dos Meninos Órfãos». *O Colégio dos Meninos Órfãos da Mouraria*. Lisboa: Comissariado Geral das Comemorações do V Centenário do Nascimento de S. Francisco Xavier (1506-2006).
- MECO, José. 2006. «Azulejos na cidade de Faro». *Monumentos* 24. Lisboa: DGEMN.
- MECO, José. 2008. «A integração do azulejo na arquitectura de Elvas». *Monumentos* 28: 128-137. Lisboa: IHRU.
- VERÃO, Maria Teresa Canhoto. 2009. *Os azulejos do Mosteiro de São Bento de Cástris de Évora. O Ciclo Bernardino e o seu significado*. Dissertação do Mestrado em História da Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa [texto policopiado].
- SANTOS, Diana. 2007. *Azulejos dos séculos XVII e XVIII na Arquitectura dos Colégios de Coimbra*. Dissertação do Mestrado em História de Arte, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2 vol. [texto policopiado].
- SERRÃO, Vítor. 2003. *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Lisboa: Editorial Presença.
- SERRÃO, Vítor. 2005. “O Património artístico barroco na Casa de Santa Maria: o tecto pintado e os azulejos de António de Oliveira Bernardes (1662-1732)”. *Casa de Santa Maria – Raul Lino – Catálogo*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- SIMÕES, João Miguel Santos. 2010. *A Azulejaria em Portugal no século XVIII*. Edição Revista e Actualizada (coord. científica Maria Alexandra Trindade Gago da Câmara). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- SOBRAL, Luís de Moura. 1999. “Tota Pulchra Est Amica Mea – simbolismo e narração num programa imaculista de António de Oliveira Bernardes”. *Azulejo* 3-7: 71-90. Lisboa: Museu Nacional do Azulejo.